

## Problemas, limites e possibilidades: os desafios do paradigma biográfico.

Problems, limits and means: the challenges of the biographical paradigm

Rodrigo Ribeiro Paziani\*

**RESUMO:** Questionada durante séculos por intelectuais das ciências humanas, a biografia parece ocupar novamente um lugar de destaque na escrita da história (e, de modo geral, científica). O gênero biográfico conquistou um novo patamar de compreensão da “complexidade” do real em virtude das possibilidades abertas pela “história cultural” que se voltou, cada vez mais, para uma abordagem interpretativa de indivíduos e grupos particulares, situados em locais e períodos bem circunscritos na história, fato que permitiu novos debates acerca do papel dos sujeitos, da narrativa, dos ‘case studies’, do cotidiano etc. Nosso trabalho pretende apresentar uma breve trajetória da discussão em torno da biografia e alguns desafios colocados a este gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biografia, eixo temático, historiografia.

**ABSTRACT:** Questioned during centuries by intellectuals of the human sciences, it seems to the biography to occupy again a place of distinction in the writing of the history (and, on the whole, scientific). The biographical type conquered a new landing of understanding of the "complexity" of the reality owing to the means opened by the “cultural history” that was turned, more and more, for an interpretative approach of individuals and particular groups situated in places and periods well circumscribed in the history, fact that allowed new discussions about the paper of the subjects, of the narrative, of ‘case studies’, of the daily life etc. Our work intends to present a short trajectory of the discussion around the biography and some challenges put to this type.

**KEYWORDS:** Biography, thematic axle, historiography.

### Os dilemas da biografia

Muito se tem debatido a respeito da relevância da biografia enquanto um campo de legitimidade científica (BOURDIEU, 2004)<sup>1</sup>, tanto nos discursos de historiadores, quanto dos demais cientistas

---

\* Doutor em História pela UNESP/Campus de Franca. Docente dos cursos de História, Geografia e Pedagogia da Fundação Educacional de Fernandópolis (FEF). Membro da Diretoria do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto (IHGG). Membro dos seguintes grupos institucionais de pesquisa: CIER (UFGD) e História Cultural (UFRGS). Endereço: Av. Luiz Brambati, n. 2790, ap. 221, Bloco B, CEP: 15600-000, Fernandópolis/SP. E-mail: [rpaziani@yahoo.com.br](mailto:rpaziani@yahoo.com.br)

sociais, seja no Brasil, seja no exterior. É sabido que o gênero biográfico nunca esteve ausente de todo das reflexões teóricas (CANDAR, 2000: 11; LEVILLAIN: 142-143 In REMOND, 2003): pelo contrário, as mudanças paradigmáticas sofridas por Clio a partir da década de 1980<sup>2</sup>, através das críticas ao método quantitativo, às mentalidades e à voga estruturalista que predominou nos círculos acadêmicos franceses (DOSSE, 1994), recolocaram aquele gênero em foco. Entretanto, o problema, ou melhor, o dilema é bem antigo, identificado, segundo Benito Bisso Schmidt, com a difícil relação entre indivíduo e sociedade presente em toda a tradição filosófica ocidental (SCHMIDT, 2004: 137).<sup>3</sup>

Pode-se dizer que desde a Grécia antiga (MOMIGLIANO, 1974) vários foram os pensadores (entre biógrafos, filólogos, filósofos, historiadores etc.) que debateram a biografia como método de apreensão do conhecimento “verdadeiro” e estatuto científico legítimo no interior da historiografia (CANDAR, 2000; BORGES, 2005).

Tucídides, por exemplo, acusava-a de monográfica, narrativa e dramática; Plutarco, na era cristã, defendia a biografia ou os “sinais da alma” contra as determinações e as generalizações da história. O gênero foi retomado no período renascentista italiano através das biografias “anedóticas” (BURKE, 1997) e reconsiderado no século XVIII por filósofos como David Hume, para quem a biografia constituía uma possibilidade de entendimento da história, convencido de que as personagens individuais decidiam os rumos da história de uma nação (LORIGA: 229 In REVEL, 1998).

Marcada durante longo tempo por um eixo, ora de distinção, ora de diálogo com a história, a biografia tornou-se uma controvertida modalidade de escrita, principalmente no decorrer do século XIX à medida que a história sucumbia aos dogmas do racionalismo estético-filosófico do sujeito kantiano/hegeliano (FERRY, 1994) e às teorias científicas de matriz positivista: todos, de certa forma, ancorados numa concepção teleológica e providencial de mundo (LORIGA: 230 In REVEL, 1998).

O predomínio da história como “ciência positiva”, que parece ter se estendido até a primeira metade do século XX, se não rompeu de vez a interface com a biografia – graças a historiadores do dezenove, como Michelet e Carlyle, que levantaram questões pertinentes àquele gênero (LORIGA, 1998: 230) – reduziu a importância das estratégias e das ações individuais na história, ao contrário

---

<sup>1</sup> Para Pierre Bourdieu, o conceito de “campo” refere-se a um espaço onde os objetos sociais compartilhados são disputados por agentes investidos de saber específico, permitindo acesso aos vários lugares em seu interior, bem como aos diferentes jogos de conflito entre os agentes envolvidos. No caso dos “campos científicos”, eles representam o espaço de confronto entre duas formas de poder: o social (ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas) e o específico (que repousa sobre o reconhecimento pelos pares).

<sup>2</sup> Mas há algumas exceções que se antecipam a esta década. Lucien Febvre foi pioneiro no desbravamento do campo biográfico, ainda que ancorado numa “psicologia histórica” (ou estudo de “mentalidades”): no desafio de construir uma “história total”, Febvre tentou compreender “os homens e seus tempos” através das vidas de Martinho Lutero (1924), François Rabelais (1942) e Jules Michelet (1943).

<sup>3</sup> O autor refere-se aos conflitos “[...] entre heroísmo e destino na tragédia clássica, livre-arbítrio e onipotência divina na teologia cristã, entre estruturalismo e existencialismo na filosofia moderna e entre voluntarismo e determinismo no âmbito do pensamento marxista” (idem).

da produção literária que desde o século XVIII explorava as múltiplas possibilidades de se narrar a vida de um indivíduo (BORGES, 2005: 206-207).

Até meados do século XX, vários historiadores (especialmente na França), seguindo os passos de François Simiand e, posteriormente, de Claude Levi-Strauss, criticaram o “sujeito da filosofia”, ao mesmo tempo em que se afastavam do ídolo individual e da ciência do singular para privilegiar as generalizações, os modelos teóricos, as estruturas, as regularidades, as contingências, enfim, a história enquanto uma “ciência nomotética” (DOSSE, 2003: 72-75).

Se tais afirmações podem ser dirigidas às teses de Fernand Braudel e de alguns dos seus discípulos, como Marc Ferro e Pierre Chaunu – casos do tempo estrutural, “quase imóvel”, e da “história serial” (BURKE, 1991: 46-47; DOSSE, 1994) – o mesmo não deve ser dito, por exemplo, de Lucien Febvre, que jamais defendeu a bandeira anti-biográfica, combatendo, isto sim, um certo “modelo” de indivíduo heroicizado e descontextualizado de seu mundo (CANDAR, 2000: 12-13; FEBVRE, 1970).

Pode-se mesmo afirmar que Braudel jamais negligenciou inteiramente o lugar dos sujeitos em seu projeto de “história global”, mas com a ressalva de que eles fossem determinados pelo domínio estruturante da “geo-história” (BURKE, 1991: 47), que pouco espaço reservava à liberdade de ação e racionalidade dos indivíduos. Paradoxalmente, nos anos de 1960, ele publicou dois artigos de cunho biográfico – sobre Carlos V e Filipe II – no qual estavam presentes não as estruturas ou o tempo “quase imóvel”, mas uma narrativa que destacava a sucessão dos eventos, as mudanças súbitas, os acasos, os conflitos monárquicos, as estratégias matrimoniais e militares, os jogos da política e as ações individuais (BRAUDEL, 1992).<sup>4</sup>

Todavia, a incursão braudeliana pelo universo biográfico deve ser vista mais como uma “cortina de fumaça”. Sob a batuta de Pierre Chaunu, Pierre Vilar e Pierre Goubert (os três primeiros, além do próprio Braudel, influenciados pela história econômica do sociólogo marxista Ernest Labrousse) – sem esquecermos até de Emmanuel Le Roy Ladurie – o método quantitativo, a história serial, a demografia histórica e as monografias regionais dominaram os círculos universitários na França (e até mesmo fora dela) aproximadamente entre os anos de 1950 e 1970 (BURKE, 1991: 66-67; DOSSE, 1994): a valorização do “macrossocial”, a serialização de dados, os estudos populacionais e as mentalidades sufocaram quase todas as pesquisas que enveredavam-se pelo campo biográfico.

Segundo Georges Duby, a “zona de sonolência” (ou de “silêncio”) a qual permaneceu a biografia estendeu-se, pelo menos na França, até o final da década de 1970 (BORGES, 2005: 209), quando

---

<sup>4</sup> Mas, ao contrário de Lucien Febvre, interessado em compreender os “destinos” de suas personagens, o esquema tripartite, hierárquico e desigual de Braudel (com a prevalência estruturalista) ofereceu nenhuma chance de racionalidade aos sujeitos individuais, ora vítimas do determinismo geográfico, ora presos às “estruturas do cotidiano”.

*Os historiadores dos Anais, preconizando uma história estruturalista, têm por ambição conseguir essa federação das ciências humanas que Émile Durkheim sonhava realizar em proveito dos sociólogos, apreendendo o modelo estrutural e fazendo da história uma disciplina nomotética e não mais ideográfica. O primeiro efeito dessa fecundação estrutural do discurso histórico é, evidentemente, um afrouxamento da temporalidade, que se torna quase estacionária. Rejeita-se o circunstancial, a cadeia de acontecimentos, considerado como advindo do epifenômeno ou do folhetim, para voltar exclusivamente sobre o que se repete, o que se reproduz [...] (DOSSE, 2003: 82-83).*

Confirmando tal tese, o projeto de renovação historiográfica – fruto de uma coletânea de textos publicada em três volumes no ano de 1974 e composta por intelectuais como Duby, Philippe Ariès, Michel Vovelle, Michel de Certeau, Pierre Nora e Le Roy Ladurie (LE GOFF & NORA, 1988) – embora contivesse como proposta-chave uma viagem do “porão ao sótão” (ideologias, mentalidades, saberes) e propugnasse a utilização de novas abordagens (política, literatura, arte, religião etc.) e novos objetos (crianças, jovens, inconsciente etc.), não contemplou uma linha sequer a respeito da biografia como campo epistemológico.

A “virada” epistemológica promovida pela “nova” história cultural na década de 1980, parece ter propiciado ao gênero biográfico um novo fôlego e a aquisição de novas roupagens no interior da historiografia.

### **Uma virada biográfica?**

Em livro recente, no qual enveredou-se por uma “arqueologia” da história cultural, Sandra Pesavento teceu uma análise crítica das diversas correntes desta historiografia, suas múltiplas abordagens, objetos e domínios, com destaque para uma especial contribuição sintomática dos estudos de cultura (o simbólico, as narrativas, os discursos, as representações etc.): a presença de “campos temáticos de pesquisa”, dentre eles, história e literatura, cidades, imagens, memória e identidades (PESAVENTO, 2003: 77-92).

Curiosamente, a historiadora pouco dissertou acerca do campo biográfico. Daí surge uma indagação: seria a biografia um “campo temático de pesquisas”? Parece-nos que sim, embora não sem controvérsias. Atualmente, é muito comum entre os historiadores o uso crescente da palavra “retorno” e/ou “renascimento” ao referirem-se ao interesse pela biografia (BORGES, 2005: 207-208). Mas tal idéia de retorno não parece consensual.

Questionando essa tese, assim ponderou Vavy Pacheco Borges:

*Na década de 1980 falou-se de um ‘retorno’ da biografia. No campo de estudo dos historiadores, o que é por vezes apresentado como retorno não é, a meu ver, verdadeiramente um retorno. Narrações de vidas lineares e factuais existem há tempos [...] Esse tipo tem tido e continuará tendo sucesso (embora tentando inutilmente abarcar toda a riqueza incomensurável de uma vida e dando uma visão*

*simplificada e por isso mesmo falsificada de seu biografado) [...] Na verdade, a idéia de falar em retorno me parece algo bastante francês [...] (BORGES, 2005: 207-8).*

Intimamente ligada a (re-)emergência dos sujeitos individuais e/ou coletivos na escrita da história (CHARTIER, 1994; LEVI: 170 in AMADO & FERREIRA, 1996), a aposta biográfica articula-se aos estudos culturais, principalmente os que enveredaram-se, em maior ou menor grau, pela análise de trajetórias individuais. Associada também a outros dois “retornos”, os da política (FERREIRA, 1992; REMOND, 2003) e da narrativa (BURKE, 1992), a biografia conquistou um lugar indiscutível na sociedade moderna através do mercado editorial, das livrarias, de programas de televisão ou dos documentários cinematográficos.

Aliás, podemos vislumbrar neste cenário de crescente interesse pelo gênero biográfico alguns dos paradoxos da (ou mesmo reações à) “globalização” contemporânea, casos da ascensão da intimidade e das relações interpessoais (face ao declínio da vida pública) (SENNETT, 1998: 190-242), da valorização das “culturas regionais” e do “saber local” (GEERTZ, 1997; BURKE, 2005), da liberdade individual diante de normas aparentemente fixas e do reforço da ética individualista (BORGES, 2005: 209).

A multiplicidade de novos objetos e o uso entrecruzado de métodos propiciados pela história cultural – especialmente com as novas abordagens sociológicas e antropológicas (CHARTIER, 1994) –, bem como as interfaces entre história e ficção ou entre narrativa histórica e narrativa ficcional (DUBY, 1988; RICOEUR, 1997; PESAVENTO, 1999) impeliram os historiadores da cultura a desviar-se das regularidades sociais e estruturas *a priori* em prol da construção de representações e práticas dos sujeitos na história (CHARTIER, 1991: 173-174).

As controvérsias, porém, não deixaram a aparecer. Na década de 1980, o sociólogo Pierre Bourdieu (in AMADO & FERREIRA, 1996: 183-191) formulou algumas críticas àquilo que denominou de “ilusão biográfica”. Para Bourdieu, haveria uma contradição epistemológica entre o uso das contribuições sociológicas e historiográficas e os parâmetros lineares, estáveis e reducionistas da “história de vidas”:

*[...] Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar [...] (BOURDIEU: 185 In AMADO & FERREIRA, 1996).*

Numa semelhante linha de raciocínio, o também sociólogo Jean-Claude Passeron desferiu algumas ressalvas àquilo que intitulou de “ilusão epistemológica” aos intelectuais que se debruçavam sobre a narrativa biográfica, ou seja, a fascinação imediatista pelo concreto e o singular (em detrimento do problema teórico) que gerava a ilusão da compreensão totalizante de uma experiência individual. Conforme afirmou Passeron:

*[...] le récit biographique à l'état brut, rêvant d'exhaustivité, se berçant de la certitude que «rien n'est insignifiant». Ici ce qui est visé, épousé par le récit, ce qui procure l'impression de comprendre, c'est le fait de toucher du doigt, non seulement le «ceci s'est passé ainsi quelque part et pour quelqu'un», mais de toucher du doigt la forme concrète, singulière, immédiatement compréhensible, de l'enchaînement des effets. Le récit biographique fasciné par ses propres pouvoirs de suggestion, c'est une visée utopique d'exhaustivité qui achète l'impression de compréhension de l'illusion d'immédiateté. À ce pôle donc, un risque majeur: l'évanouissement du problème théorique des traits pertinents de la description. Dès qu'il y a recherche du contact avec la réalité socio-historique dans ses aspects biographiques et individualisés apparaît, en même temps que l'ambition la plus haute de la description anthropologique, une illusion épistémologique qui suit cette ambition comme son ombre, l'illusion de la pertinence tous azimuts d'une expérience singulière. Puisque tout ça est du réel, du «direct», du singulier, que ce réel est touché du doigt, ramassé, raconté, récit, recueilli, filmé, il devient affectivement difficile d'en laisser perdre la moindre parcelle, chacune participant de la saveur totale du récit; il devient douloureux d'admettre que n'importe quel trait, n'importe quelle association de traits ne soit pas d'emblée pertinente (PASSERON, 1989 : s/nº).*

Procurando escapar às estas “ilusões” denunciadas por Bourdieu e Passeron, Le Goff atentou para a dificuldade do empreendimento biográfico, bem como a necessidade de se articular a personagem ao contexto “global” de seu tempo, embora sem deixar de aceitar os acasos, as escolhas e as hesitações individuais (LE GOFF, 1999: 23-24).

Mas, se alguns historiadores filiados aos Annales como Duby e Le Goff decidiram, a partir dos anos de 1980, reivindicar um novo estatuto metodológico à narrativa biográfica (BURKE, 1991/1992), foi talvez a “micro-história” italiana – especialmente sob a batuta de Carlo Ginzburg<sup>5</sup> e Giovanni Levi – que procurou desenvolver um arcabouço teórico-metodológico crítico da história das mentalidades (ESPIG, 2006), da visão “macro” da história social de tradição durkheimiana (REVEL, 1998: 20-25) e das “microfísicas” de controle ou de poder caras a Michel Foucault.

A opção pela “microanálise” permite destacar não apenas o valor heurístico das escalas e dos indícios aos historiadores (GINZBURG, 1999), mas, em virtude mesmo destes aspectos, sublinhar também a “ressignificação” das singularidades na história (LIMA, 2006), de maneira a recusar a supervalorização das normatizações sociais em relação às representações e práticas sociais, já que estas privilegiariam “[...] as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos” (CHARTIER, 1994).

Por outro lado, foram os diálogos (im)pertinentes da história com literatura (GINZBURG, 1991: 271; DUBY, 1993) e, por extensão, com a hermenêutica da narrativa (meta)histórica (RICOEUR, 1997), que permitiram aos micro-historiadores (mas não apenas a eles) explorar as novas possibilidades epistemológicas do que Le Goff denominou de “método biográfico”, na medida em que “[...] mais ainda que os outros métodos históricos, (o método biográfico) visa a produzir ‘efeitos do real’ [...]”, assemelhando-o (sem se confundir de todo) ao método do romancista (LE GOFF, 1999: 22).

<sup>5</sup> Ainda que Ginzburg, por exemplo, negue veementemente o rótulo de “micro-historiador”.

Segundo esta perspectiva, através de conceitos “antropológicos”, como imaginário, sensibilidade e troca simbólica, tornar-se-ia plausível articular não somente os fios e as tramas complexas que compõem as relações entre o individual e o coletivo ao “[...] *apresentar de modo menos esquemático os mecanismos pelos quais se constituem redes de relações, estratos e grupos sociais*” (LEVI: 173 in AMADO & FERREIRA, 1996), como também enfatizar as singularidades e as ações de indivíduos e grupos dentro de diferentes contextos históricos (GINZBURG, 1991: 74-75; LORIGA: 247-248 In REVEL, 1998).

Se Carlo Poni e Edoardo Grendi formaram o rol dos pioneiros do paradigma micro-histórico italiano (LIMA, 2006: 146-147) – foram Ginzburg e Levi<sup>6</sup> quem melhor sustentaram o arcabouço metodológico e difundiram, com sucesso, o paradigma em diversas universidades européias e norte-americanas. Neste sentido, uma primeira “convergência de interesses” epistemológicos entre narrativa literária, abordagem etnográfica e desafio biográfico parece estar ligada à micro-história italiana, particularmente com a emergência dos chamados “protagonistas anônimos da história” (VAINFAS, 2002): sintomas desse paradigma seriam “O queijo e os vermes”, de Ginzburg (1976), e “A herança imaterial”, de Levi (1985).<sup>7</sup>

No segundo caso, as estratégias teórico-metodológicas de aproximação com o gênero biográfico tentaram reforçar a tese segundo a qual o “social” não seria um objeto definido, mas construído sobre múltiplas escalas de análise, no intuito de “[...] *enriquecer o real introduzindo na análise o maior número possível de variáveis, sem entanto renunciar a identificar suas regularidades*” (REVEL: 28-36 In LEVI, 2000), o que nos levaria a postular que a micro-história não renega totalmente as contribuições dos estudos quantitativos e seriais para a pesquisa histórica.

Por outro lado, alguns intelectuais apontaram para os riscos da micro-história em cair num interpretativismo excessivo – como no caso da crítica de Andréa Del Col a Carlo Ginzburg – (PESAVENTO, 2003: 73) –, como também numa supervalorização das “exceções à regra” (Idem: 74), de “questões insignificantes” e dos “homens comuns”, abandonando assim a perspectiva de estudos mais amplos e comparados (PALLARES-BURKE, 2000: 43-44).<sup>8</sup>

Tais riscos, porém, não desqualificam a contribuição da micro-história ao campo biográfico, pois a “microanálise” estaria longe de renunciar aos estudos de contextos ditos “globais”, de uma racionalidade (ainda que limitada ou ambígua) ou das influências de normas sociais sobre o comportamento dos indivíduos. Muito pelo contrário: as redes de intercâmbio acadêmico entre historiadores britânicos, franceses e italianos, tendo a antropologia histórica como eixo unificador (LIMA, 2006: 85), parecem conduzir a um cenário aberto e frutífero para pesquisas neste campo.

<sup>6</sup> A partir de duas publicações na Enciclopédia Einaudi, em 1981, ambas sob o título de “Micro-História”.

<sup>7</sup> Além deles, Vainfas cita ainda “Montaillou: povoado occitânico”, de Emmanuel Le Roy Ladurie (1975) e “O retorno de Martin Guerre”, de Natalie Zemon Davis (1982).

<sup>8</sup> Referimo-nos às críticas do antropólogo britânico Jack Goody e do historiador, também britânico, Keith Thomas sobre um possível (e perigoso) relativismo cultural presente em obras de micro-história.

Por exemplo, Jacques Le Goff – que tem oferecido atenção particular aos estudos biográficos<sup>9</sup> – propôs a abordagem da trajetória de um indivíduo através do conceito de “sujeito globalizante” (LE GOFF, 1999: 21). Para Le Goff, considerar um indivíduo numa perspectiva “global” é reconhecer nele toda a organização do campo de pesquisa: ao escolher, por exemplo, a figura monárquica de São Luís e afirmar que esta personagem participou e agiu, ao mesmo tempo, em todos os domínios (econômico, social, político, religioso, cultural etc.), ele estaria sugerindo ao historiador que reconheça nas escolhas, contradições, hesitações e decisões singulares do biografado a historicidade daqueles domínios – ou seja, a especificidade do “global” e a complexidade do “real” (LE GOFF, 1999: 21-24).

Na visão de Giovanni Levi, trata-se de refletir acerca do binômio liberdade/norma. Para ele, os raios de liberdade e ação dos indivíduos encontram-se além, mas nunca fora, das limitações impostas pelos sistemas normativos, sejam eles de ordem jurídico-institucionais, ou mesmo de ordem social. Em “A herança imaterial”, ele definiu as bases metodológicas pelas quais abordou a trajetória pessoal de um “homem comum”, o padre Giovan Battista Chiesa, e um “lugar banal”, a pequena aldeia de Santena:

*[...] Santena é uma pequena aldeia e Giovan Battista Chiesa é um tosco padre exorcista. Entretanto, é exatamente na cotidianidade de uma situação vivida por um grupo de pessoas envolvidas em acontecimentos locais mas, ao mesmo tempo, interligadas a fatos políticos e econômicos que fogem a seu controle direto, a nos colocar problemas bem interessantes no que concerne às motivações e estratégias da ação política. (LEVI, 2000: 46)*

Chamando a atenção para a análise do “sistema de contextualização e de interligação entre regras e comportamentos, entre estrutura social e imagem impressa nas fontes escritas” enquanto “parte primordial da história de Giovan Battista Chiesa” (Idem: 47), Levi parece rebater as críticas sobre a “história menor” e o abandono de estudos mais amplos dirigidos à micro-história, na medida em que tenta apreender o “global” numa perspectiva não somente “do” local, mas “para além” do local (BIERSACK: 125 in HUNT, 1995), semelhante à Ginzburg, cuja linha condutora “[...] parte da microanálise de casos bem delimitados, mas cujo estudo intensivo revela problemas de ordem mais geral” (GINZBURG, 1991: X).

O que revelaria, enfim, o valor heurístico do gênero biográfico:

*A meu ver, a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas de escalas de análise e das relações entre regras e práticas, bem como aqueles, mais complexos, referentes aos limites da liberdade e da racionalidade humanas (LEVI: 168 in AMADO & FERREIRA, 1996).*

<sup>9</sup> Falamos aqui de “São Luís: uma biografia” e “São Francisco de Assis”, obras publicadas na França respectivamente em 1995 e 1999.

## Considerações finais

Nas perspectivas apresentadas neste artigo, focar biografias como objeto de pesquisa não significa desreferenciá-las do “global”, nem desconsiderar os diferentes aspectos da realidade: o caso em questão, o da “nova” história cultural (destaque para os Annales e a micro-história italiana), aponta para um re-direcionamento do olhar do historiador que, por meio de um ou vários personagens, tenta restituir a história particular de uma comunidade, uma cidade e/ou um grupo através dos vários “contextos” aos quais estão inseridos (SERNA & PONS, 2001: 137-162).

Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, sem esquecermos os historiadores franceses que dialogam com os italianos como Emmanuel Le Roy Ladurie, Jacques Revel e Maurice Aymard (LIMA, 2006: 78-85), demonstraram por vieses específicos que o redimensionamento da escala de observação e de análise proposto pela micro-história, especialmente para aqueles que fazem “usos” do campo biográfico, não coaduna com métodos que tentam determinar os indivíduos na malha das “mentalidades” ou das instituições de poder, mas nem por isso caem numa apologia do “individualismo metodológico”. Complementando tais análises, Sabina Loriga (In REVEL, 1998: 249) fez uso do conceito de “biografia coral” para conceber o singular como elemento de tensão de uma multiplicidade de movimentos e conflitos sociais.

Sobre as recentes possibilidades de diálogo entre a história e a biografia, outros intelectuais como o citado Gilles Candar e Mônica Rebeschini (2006) vêm realizando balanços críticos, procurando destacar a contribuição da biografia para a requalificação do próprio campo historiográfico (história e ciência política, história e literatura, história e sociologia), bem como apontar seus limites metodológicos, notadamente a questão da autonomia ou não do indivíduo face às normas e determinações sociais.

Este último desafio encerra nosso artigo. Se escrever acerca de uma vida exige do intelectual que ele não caia nem na armadilha passional da biografia “individualista” ou “intimista”, nem na excessiva prudência (travestida de “racionalidade”) do discurso “contextualizador” do social, faço minhas as palavras de Benito Schmidt para entender de maneira compreensiva as trilhas deixadas (e questionadas) pela voga biográfica e sua relevância àquele que se debruça sobre este gênero:

*Penso que o historiador-biógrafo não deve procurar resolver esse problema (da relação entre indivíduo e sociedade) optando por um dos “pólos”, o do indivíduo ou o da sociedade, mas sim adotando estratégias narrativas que estabeleçam uma permanente **tensão** entre o personagem e os constrangimentos/possibilidades de sua época (SCHMIDT, 2004: 137)*

### Referências bibliográficas:

BIERSACK, Aletta. Saber local, história local: Geertz e além. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. Trad. Jefferson L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 97-130.

BORGES, Vavy P. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAUDEL, Fernand. **Reflexões sobre a história**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). Trad. Nilo Odália. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: \_\_\_\_ (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992, p. 327-348.

\_\_\_\_\_. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Revista da Fundação Getúlio Vargas, nº. 19, pp. 01-14, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CANDAR, Gilles. Le statut de la biographie. Essai de chronologie. **Correspondances**. Tunis : Bulletin d'information scientifique du Institut de Recherche sur le Maghreb Contemporain, nº61, p. 11-16, mai-juin-juillet 2000.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo: Universidade de São Paulo, vol. 5, nº. 11, pp. 170-185, 1991.

\_\_\_\_\_. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Revista da Fundação Getúlio Vargas, vol. 7, nº. 13, 1994, p. 97-113.

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos Annales à Nova História. Trad. Dulce Silva Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. **A História**. Trad. Maria Elena O. Assumpção. Bauru: EDUSC, 2003.

DUBY, Georges. **A história continua**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Ed. UFRJ, 1993.

ESPIG, Márcia J. Uma poeira de acontecimentos minúsculos: algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história. **História Unisinos**. São Leopoldo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos, vol. 2, nº. 10, mai./ago. 2006, pp. 201-213.

FEBVRE, Lucien. **Combates por la Historia**. Trad. Castelhana de F. F. Buey & Enrique Argullol. 3ª. ed. Barcelona: Ariel, 1970.

FERREIRA, Marieta de M. A nova "velha história": o retorno da história política. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Revista da Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº. 10, 1992, p. 265-271.

FERRY, Luc. **Homo aestheticus**. Trad. Eliana M. de M. Souza. São Paulo: Ensaio, 1994.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera M. Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.

GINZBURG, Carlo. **Micro-história e outros ensaios**. Trad. Antônio Narino. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand-Brasil, 1991.

\_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria B. Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LE GOFF, Jacques. **São Luís: biografia**. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. & NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. Trad. Theo Santiago. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_\_. **História: novas abordagens**. Trad. Henrique Mesquita. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_\_. **História: novos objetos**. Trad. Terezinha Marinho. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p. 133-161.

\_\_\_\_\_. Usos da biografia. In: AMADO, J. & FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 167-182.

\_\_\_\_\_. **A herança imaterial:** trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Trad. Cynthia M. de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LÉVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política.** Trad. Dora Rocha. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 231-269.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana:** escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, J. (org.). **Jogos de escalas:** a experiência da microanálise. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-249.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Lo sviluppo della biografia greca.** Torino: Einaudi, 1974.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. **As muitas faces da história:** nove entrevistas. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

PASSERON, Jean-Claude. Biographies, flux, trajectoires. Questions de l'extérieur. Avant-propos. **Enquête.** Paris : Cahiers du Centre d'enquêtes et de recherches sur la culture, la communication, les modes de vie et la socialisation (CERCOM), édition électronique, Dossier "Biographie et cycle de vie", nº. 05, 1989, s/nº.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

REBESCHINI, Mônica. La biografia come genere storiografico tra storia politica e storia sociale. Questioni e prospettive di metodo. **Acta Histriae.** Slovenia: Periodical published by Science and Research Centre of the Republic of Slovenia and the Historical Society by University of Primorska – Koper, ano 14, nº. 02, 2006, pp. 427-446.

REMOND, René. **Por uma história política.** Trad. Dora Rocha. 2ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Jogos de escalas:** a experiência da microanálise. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 15-38.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Trad. Roberto L. Ferreira. São Paulo: Papyrus, Tomo III, 1997.

SCHMIDT, Benito B. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos.** São Leopoldo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos, vol. 8, nº. 10, jul./dez. 2004, pp. 131-142.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidade. Trad. Ligia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERNA, Justo & PONS, Anaclet. En su lugar: una reflexión sobre la historia local y el microanálisis. **História**. São Paulo: Revista da Fundação Editora da Unesp, v. 1, nº. 20, 2001, pp. 137-162.

Recebido em *Maio* de 2010  
Aprovado em *Outubro* de 2010